



Paolo Scquizzato

Elogio da vida imperfecta

O caminho da fragilidade



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Scquizzato, Paolo

Elogio da vida imperfeita : o caminho da fragilidade / Paolo Scquizzato ; [tradução Adriana Zuchetto]. -- São Paulo : Paulinas, 2019.

Título original: Elogio della vita imperfetta : la via della fragilità.
ISBN 978-85-356-4497-5

1. Amor 2. Conduta de vida 3. Cristianismo 4. Espiritualidade
5. Literatura cristã I. Título.

19-23608

CDD-809.93382

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura cristã 809.93382

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Título original: Elogio della vita imperfetta, La via della fragilità
© Effatà Editrice, Via Tre Denti 1, 10060 Cantalupa, Italy, 2013.

1ª edição – 2019

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Vera Ivanise Bombonato*

Tradução: *Ir. Adriana Zuchetto*

Copidesque: *Ana Cecilia Mari*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*

Capa e projeto gráfico: *Jéssica Diniz Souza*

Diagramação: *Tiago Filu*

Imagem capa: *@Марина Радышевская/fotolia*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2019

SUMÁRIO

Parte I

I. A riqueza do limite | 13

Transformar as feridas em pérolas | 13

Reconciliar-se com o limite | 17

Da negação do limite a uma vida inautêntica | 19

II. Hino à fragilidade | 25

○ Deus surpreendente | 25

○ Deus da revelação | 28

○ Deus do escândalo | 30

III. Basta-nos a sua graça | 35

A graça nos precede | 35

○ Deus dos vivos | 39

Deus age no ser humano que age | 43

IV. A lógica da debilidade | 47

A linha vermelha da fragilidade | 47

Com a nossa força | 52

○ poder da Palavra | 56



Parte II

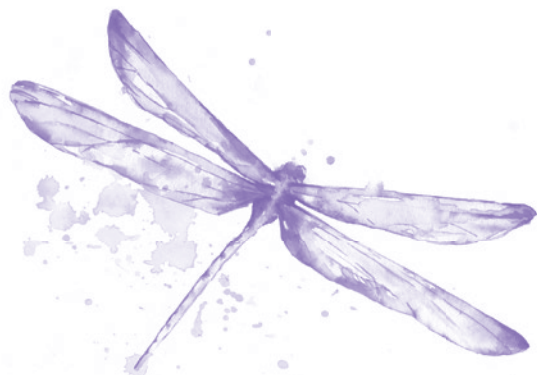
Na escuta do Evangelho

- I. À guisa de introdução | **63**
- II. O cego de nascimento | **67**
- III. A filha de Jairo e a hemorroíssa | **75**





Parte I



A RIQUEZA DO LIMITE

TRANSFORMAR AS FERIDAS EM PÉROLAS

A pérola é esplêndida e preciosa.

Nasce da dor.

Nasce quando uma ostra é ferida.

Quando um corpo estranho – uma impureza, um grão de areia – penetra e habita no seu interior, a concha começa a produzir uma substância (a madrepérola) com a qual o cobre para proteger o próprio corpo indefeso. No final, será formada uma bela pérola, reluzente e valiosa. Se não for ferida, a ostra não poderá jamais produzir pérolas, porque a pérola é uma ferida cicatrizada.

Quantas feridas carregamos dentro de nós, quantas substâncias impuras nos habitam? Limites, debilidades, pecados, incapacidades, inadequações, fragilidades psicofísicas... E quantas feridas nos nossos relacionamentos interpessoais? A questão fundamental para nós será sempre: o que fazer com elas? Como as vivemos?

A única saída é envolver as nossas feridas com aquela *substância* cicatrizante que é o amor: única possibilidade de

crescer e de ver as nossas próprias impurezas se transformarem em pérolas.

A alternativa é cultivar ressentimentos contra os outros pelas suas fragilidades e atormentar-nos com contínuos e devastadores sentimentos de culpa por aquilo que não deveríamos ser nem sentir.

A ideia que, com frequência, trazemos dentro de nós, é a de que deveríamos ser de *outro modo*; que, para sermos aceitos por nós mesmos, pelos outros e por Deus, não deveríamos ter dentro de nós aquelas impurezas indecorosas. Quereríamos ser simples “ostras vazias”, sem corpos estranhos de diversos gêneros, “puros”, em suma. Mas isso é impossível, e, mesmo que nos considerássemos assim, isso não significaria que nunca fomos feridos, mas somente que não o reconhecemos, não conseguimos aceitá-lo, nem soubemos perdoar-nos e perdoar, compreender e transformar o sofrimento em amor; e seríamos simplesmente pobres e terrivelmente vazios.

É fundamental conseguir compreender a importância – em nós e fora de nós, nas nossas relações – da presença dos limites, das feridas, das *zonas de sombra*; entender, à luz da mensagem evangélica, que tudo do nosso e do mundo interior alheio está marcado pela sombra e pelo limite, é a nossa única riqueza, e que, precisamente então, é possível fazer a experiência da nossa salvação. Enfim, que não existe nada dentro de nós que mereça ser jogado fora.

Tudo pode ser transformado em graça, até mesmo o pecado, dizia Agostinho. Até a nossa sexualidade ferida e as nossas neuroses, acrescentaremos nós, desde que façamos delas uma ocasião para abrir-nos, acolher e partilhar. Por isso, agiríamos mal se as desprezássemos. Devemos, ao contrário, aprender a fazer bom uso delas, pois são matéria de santidade (André Daigneault, *La via dell'imperfezione*. Cantalupa, Effatà Editrice, 2012, p. 17).

Se começarmos a raciocinar desse modo, quer dizer que se realizou em nós a verdadeira conversão, a *metanoia* evangélica; fizemos nosso um pensamento “outro”, ou seja, conseguimos finalmente não pensar mais que a “pureza”, a ausência de fragilidade e de pecado, seja a nossa salvação, mas de fato o contrário. A salvação, a santidade, consistirá, finalmente, em dar-nos conta da nossa verdade, ou seja, de que estamos feridos, somos limitados, frágeis, mas, ao mesmo tempo, objeto do amor “louco” de um Deus que – precisamente *porque somos feitos assim* – vem visitar-nos e habitar-nos.

A santidade tem tão pouco a ver com a perfeição, que é o seu oposto absoluto. A perfeição é a mimada irmã menor da morte. A santidade é o gosto forte pela vida tal como é – uma capacidade infantil de alegrar-se com aquilo que é, sem pedir nada mais (Christian Bobin).

O Evangelho revela continuamente que tudo aquilo que tem o sabor do limite encerra em si também a possibilidade da sua realização.

Jesus diz a cada um de nós: “Ama aquela parte de ti que não gostarias de ter. Começa a envolvê-la com o amor e, no final, verificarás que tens em ti uma pérola preciosa, porque na ferida reconhecida, envolta no amor, experimentarás o tesouro que trazes dentro de ti”.

Com insistência, o Evangelho nos exorta a “colocar no meio” o nosso limite e a nossa fragilidade (cf. o homem com a mão paralisada, Mc 3,3 e Lc 6,8; o parálítico, Lc 5,19). Colocar no meio as nossas zonas de sombra quer dizer reconhecer, de um lado, a sua existência, e, de outro, que elas, diante da ressurreição de Cristo, não são a última palavra sobre a nossa humanidade.

Devemos decidir se optamos pela força ou pela fraqueza. A nossa insuficiência, a nossa fragilidade, é uma força maior do qualquer outra, porque tem a própria força de Deus: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10).

Esta verdade deveria tornar-se o centro do nosso viver cristão. Como já foi dito, nos Evangelhos, no centro da cena está sempre o indivíduo na sua doença, enquanto ser ferido, débil e frágil. Por isso também no centro da assembleia (da comunidade, da família, da Igreja...), no centro do nosso vi-

ver de cristãos, não sobressaem a força, o fazer por si mesmo, a observância obsessiva dos santos preceitos, o sermos moralmente irrepreensíveis... mas está somente a nossa fraqueza.

RECONCILIAR-SE COM O LIMITE

Devemos recuperar a realidade do limite e reconciliarmos-nos com ela. Nós existimos somente enquanto *limitados*. Nascemos e morreremos, porque somos limitados *no tempo*. Temos um corpo cujos contornos definem a nossa fronteira com o mundo que nos circunda, e isso nos diz que somos limitados *no espaço*. Quereríamos ser capazes de amar mais, relacionar-nos de modo diferente, mas a cada dia fazemos a dura experiência de “ser feitos assim” (cada pessoa tem a sua história, a sua estrutura psicológica, o seu caráter, as suas doenças interiores...): somos limitados *no amor*.

Para não falar do limite do outro, que, enquanto *diferente de nós*, não nos permite ser o que quereríamos, e, por isso, o percebemos como limitante. A alteridade, dentro e fora de nós, frustra o nosso desejo de “como deveriam ser as coisas”, mas existe e não podemos ignorá-la. A alteridade, quando nos causa medo, assume o nome de *inimigo*. E o inimigo é sempre para se combater e possivelmente destruir.

Hoje, em geral, entendemos o limite de maneira negativa: isso representa para nós restrição, impedimento,

sufocamento, enquanto para os antigos gregos permitia estabelecer os contornos do bem e do mal. O vício e o pecado estavam no excesso; a virtude e o bem *no meio*, ou seja, um *range* (gama) – diríamos hoje –, situada entre os limites extremos.

De fato, no horizonte ético dos antigos, o erro mais grave era a *hybris*, a desmesura, o excesso que ultrapassa os limites.

Hoje, ao contrário, a palavra limite e tudo o que tem o sabor de *limitativo* soa como coerção e, por isso, como totalmente negativo: que supõe dependência, inferioridade, falta, portanto, alguma coisa de que é preciso livrar-nos o quanto antes.

Hoje tudo deve ser *off limits*, da pesquisa científica ao esporte, passando por todos os aspectos do cotidiano: os contratos são anuláveis, as relações de trabalho são efêmeras e substituíveis, a palavra dada e a promessa feita são irrelevantes; também se ultrapassou o limite da vergonha, por isso o réu já não precisa se arrepender ou pedir desculpa. As novas tecnologias e os novos meios de comunicação comprimiram o tempo de tal maneira e inutilizaram tanto o espaço que conduziram à rejeição da ideia do *fim* e, por consequência do *com-fim*.

Daquí se conclui que o limite último da vida, ou seja, a morte, confirm com o mistério do fim, já não pode ser aceito.

O limite da morte é anacrônico e absurdo; por isso, de algum modo é imperioso ser imortais, *infinitos*.

Depois, como vimos, existe a experiência do limite que nos é imposta pelo outro, pela qual percebemos o *tu* como realidade ofensiva da nossa liberdade, do nosso ter razão, das nossas ideias, do nosso sucesso, do nosso ser “os primeiros”, se não até os únicos.

Tudo isso é esplendidamente narrado no episódio do Gênesis, onde Caim, filho *único*, perde o seu status com a chegada de Abel, o segundo filho. Para voltar a ser o único, não existe outra solução a não ser eliminar o outro (cf. Gn 4,1-8).

Etimologicamente, *eliminar* quer dizer *expulsar* (*e-* privativo); colocar fora da casa, da nossa história, o outro, que não nos permite que sejamos o que queríamos, realizando o nosso ser ilimitado.

DA NEGAÇÃO DO LIMITE A UMA VIDA INAUTÊNTICA

Christian Bobin escreve:

Nunca fui muito afeiçoado por provas. Não que fosse um mau aluno, como se diz. Quando adivinhava o que se esperava de mim, então me esforçava. Fazia da arte de aprender uma arte de fato sutil da oferta: é

preciso dar ao outro aquilo que espera de nós, e não o que desejamos para nós. Aquilo que se espera de nós, não é o que somos. Porque o que se espera nunca é o que somos, é sempre outra coisa. Por isso aprendi logo a dar aquilo que não tinha (*Elogio do nada*).

O ser humano é um esplêndido ator. O drama que representa é viver segundo aquilo que os outros esperam dele, e não o fato de ser capaz de realizar a sua história, quer dizer, a verdade.

O problema é que o outro espera sempre de nós algo diferente do que somos; isso comporta inevitavelmente que demos e manifestemos aquilo que não temos e que, afinal, não somos. A questão será sempre aparecer *perfeitos* aos outros, não manchados por limites ou fragilidades, isto é, que vivamos através daquelas *performances* que eles esperam de nós e que nos tornam bem-aceitos, queridos. Amados.

Aprendemos isso desde pequenos em relação a nossos pais, para depois vivê-lo com os professores, os educadores, os empregadores, o nosso parceiro, com nós próprios e com Deus.

Mas não se pode viver uma vida assim; não se pode resistir a um esforço continuado para mostrar-nos adequados, eficientes, perfeitos, para tranquilizar os outros a fim de lhes dar prazer.

Um princípio basilar para o nosso percurso de vida é: “Não te deixes condicionar pelos outros. Não permitas que os outros te prescrevam a estrada que deves percorrer. Vai pela tua estrada. Torna-te tu próprio. Descobre a forma autêntica e incontaminada que o Senhor te atribuiu. E tem a coragem de viver o aspecto original de ti mesmo. Quem eras antes de os teus pais te educarem? Quem eras em Deus, antes de nasceres?”. Lembra-te do teu núcleo divino. Se entrares em contato com ele, poderás percorrer livremente a tua estrada (Anselm Grün, *O livro da arte de viver*).

O nosso drama de cristãos é o desejo de sermos perfeitos até diante de Deus. Fizemos do Cristianismo a religião do “tender ao perfeccionismo moral” – confundindo-o com a santidade –, como se fosse a única condição para obter o amor de Deus e os seus dons. Mas o único dom que Deus poderá conceder-me não será senão ele mesmo, ou seja: amor, perdão e misericórdia. E Deus só poderá dar-me tudo isso quando me reconhecer necessitado de amor, pecador e miserável.

A santidade que Jesus nos propõe não é de ordem natural, mas é uma santidade que nos leva a acolher a nossa pobreza. Jesus Cristo veio para os pecadores e fracos, e não para os fortes que estão bem. O esquema